



CONTRAPONTO^e CONTRATEMPOS

Marco Paulo Rolla

Ministério da Cultura e Instituto Unimed-BH apresentam

CONTRAPONTO^e **CONTRATEMPOS**

Marco Paulo Rolla



11 de abril a 22 de junho de 2025

Galeria do Centro Cultural Unimed-BH Minas – CF5



CONTRAPONTO E CONTRATEMPO

Neste 2025, em que o Minas Tênis Clube completa 90 anos de existência, é praticamente impossível não refletirmos sobre o passar do tempo e sobre as mudanças trazidas, e muitas vezes impostas, por ele. Celebramos, naturalmente, avanços tecnológicos, o progresso e as facilidades proporcionadas pelos desenvolvimentos nas áreas da pesquisa, ciência e indústria. São avanços que vemos refletidos diariamente no Clube em todos os pilares – Esporte, Cultura, Educação e Lazer.

Para ficar em alguns poucos exemplos, tais avanços são vistos em shows mais potentes, com estruturas robustas e som de altíssima qualidade, em novos métodos de ensino e aprendizagem e, claro, em novas formas de tratar lesões e superar limites, no caso do esporte. E são vistos, também, na forma de fruição do público quanto às atividades realizadas aqui no Clube. Deixamos de ter álbuns de fotografias para termos *feeds*, *stories*, *likes* e compartilhamentos – o que não é necessariamente bom, nem ruim. Mas pode causar estranhamento.

A exposição “Contrapontos e contratempos” nos convida justamente a isso: repensar como a experiência humana tem sido modificada e moldada em torno dos avanços tecnológicos e dos dispositivos onipresentes no nosso cotidiano.

Aqui, na Galeria de Arte do Centro Cultural Unimed-BH Minas, o público vai poder estabelecer, em conjunto com Marco Paulo Rolla, uma reflexão rica e profunda. São trabalhos que trazem, de maneira irônica em alguns momentos, a visão do artista sobre o impacto – muitas vezes incômodo – que a urgência do mundo atual impõe à existência humana.

Conhecido por seu trabalho multidisciplinar e performático, Marco Paulo Rolla apresenta, aqui, obras que talvez surpreendam aqueles que acompanham sua trajetória. Afinal, a seleção de obras exhibe, sob um novo ângulo, a inquietude do artista quanto às relações entre o corpo humano e os objetos eletrônicos.

Boa visita!

CARLOS HENRIQUE MARTINS TEIXEIRA

Presidente do Minas Tênis Clube



“TODAS AS MENSAGENS FORAM TOCADAS”

De todas as obras contidas nesta reunião de trabalhos de Marco Paulo Rolla, há uma, em especial, que me chama a atenção pela simplicidade e pela forma como indiretamente comenta os outros trabalhos da exposição. Trata-se de uma rara experiência sua com o áudio, um trabalho de 2006 chamado *Enganos*. Estruturado narrativamente como uma sequência de recados em uma secretária eletrônica, o público percebe, pouco a pouco, que se trata de vozes que parecem ter telefonado por engano para alguém e deixado mensagens dos mais diversos tipos.

Se algumas mensagens têm algo mais burocrático e efetivamente deixam rastros para uma comunicação futura, outras são exercícios repletos de humor e de um certo *nonsense*.

Uma pessoa diz:

– É do orelhão da padaria? Alô? Alô? Alô? Alô? Alô? Animal, pode me falar o nome?

Enquanto isso, alguém fala algo ininteligível para a qualidade de uma gravação telefônica daquele momento e repete umas palavras fazendo variações de timbres vocais para concluir, por fim:

– Vai cagar!

Após cerca de sete minutos de escuta, uma voz diz em inglês:

– Todas as mensagens foram tocadas.

E retornamos ao início das gravações.

Esta exposição reúne de trabalhos datados do começo dos anos 2000 a obras feitas especialmente para a ocasião e aponta para um tópico recorrente em seus interesses: as relações entre o corpo humano e objetos eletrônicos. As secretárias eletrônicas eram espaços para uma solitária performatividade entre a pessoa que fazia a ligação telefônica e o vazio do silêncio do telefone. Em outro momento – ou simultaneamente, caso apenas tivesse se recusado a atender a chamada –, do outro lado há outra pessoa, um “público” que as escutava em casa. No início dos anos 2000, quando os celulares não eram tão populares no Brasil e ainda estavam muito distantes da insistente imediatez dos *smartphones* com *Whatsapps* e afins, esses aparelhos geravam ansiedade e mistério através do espetáculo do uso da

voz. Quantas não foram as vezes em que minha mãe e eu chegávamos em casa e era nítida a sua curiosidade por ouvir os recados na secretária; havia frustração tanto quando passávamos um dia inteiro fora e não havia nenhuma mensagem, assim como quando apenas a respiração de alguém, sem articulação de palavras, era captada pelo telefone.

Esse certo teatro do vazio é constante em muitas das obras aqui selecionadas e que dizem respeito a uma reflexão sobre a produtividade humana. Ao olharmos para uma série de pinturas entre média e pequena escala agrupadas dentro de uma mesma sala da exposição, algo desse ensimesmamento é ecoado. Em *Amor capital, amante virtual*, uma mulher abraça, de olhos fechados, a tela de um computador; se observarmos as expressões faciais dessas figuras individuais inseridas nas pinturas, todos têm seus olhos cerrados ou olham para baixo de forma que seus olhos estão quase fechados. Não há espaço nessas narrativas para fixar o espectador ou olhar para qualquer outra área dentro dessas imagens que não sejam as telas brilhantes – no banheiro, no avião, no metrô, no sofá de casa: os dedos deslizam para liberar mais informações e os olhos se movem ávidos por formas de distração.

Poderíamos dizer que há algo solitário nessas imagens, mas rapidamente deveríamos nos perguntar: o que essas figuras estão fazendo? Não poderiam estar em diálogo com outras pessoas? Há nesse conjunto de obras uma forte relação com o tempo; estas imagens se posicionam entre o *dolce far niente* (o “doce fazer nada”) e a produtividade exacerbada estimulada por tecnologias digitais em que enviar um e-mail de trabalho, receber exames de sangue e seduzir alguém com *selfies* se intercalam no mesmo minuto. Absortos em suas ações, esses corpos aqui representados e/ou mesmo performatizados coletivamente trazem um elemento melancólico que nos convida a nos olharmos no espelho: quais as relações que nós mesmos estabelecemos com o tempo? Quantos minutos estaremos dentro desta exposição? Seria possível percorrê-la sem recorrer ao uso do celular?

Há outro grupo de pinturas, todas em escala maior, que traz grupos concentrados em ações que remetem a um ambiente empresarial. *Problemas de memória* traz três pessoas ao redor de um robusto *notebook* que parecem observar algo e discutir. Entre a reunião, o trabalho e o prazer de tomar um café, as figuras são apresentadas por meio de uma anatomia que causa certa estranheza na relação entre figura e fundo. Como tanto cromati-

camente quanto à textura das pinceladas não existe grande divisão, a mesa à frente e a parede ao fundo parecem ser uma coisa só e faz com que as figuras pareçam uma colagem.

Essa pintura e outras da exposição trazem indivíduos que, longe de estarem em harmonia, parecem não querer estar juntos na mesma imagem, na mesma mesa, na mesma reunião – e não seria esse o veredito de muitos ambientes não apenas do trabalho corporativo? Há espaço para o desejo em ambientes de tanta estafa? O mesmo pode ser perguntado a partir da imagem na qual um homem trabalha solitariamente diante do seu computador na sala de embarque de um aeroporto ou em outra pintura em que vemos um grupo de repórteres entrevistando um senhor engravatado. Mesmo em uma pintura simplesmente chamada de *TV*, de 2014, aquilo que se assemelha a pais e seus filhos abraçados em um sofá se converte em algo sem vivacidade banhado pela luz azulada e fantasmática de uma TV de tubo. A virtualidade da imagem se sobrepõe à carne e ao contato entre os diferentes membros de uma família.

Algo semelhante acontece em uma ação performática organizada pelo artista durante a 15ª edição do Videobrasil – naquele momento chamado de Festival Internacional de Arte Eletrônica –, realizado no Sesc Pompeia, em São Paulo, em 2005. Eis que é marcado o lançamento de um livro seu e a realização de uma performance. Quando o público lá chega, percebe que se trata de um *vernissage*, momento sempre associado a um grande *frisson* social com muitos encontros, risos, parabéns distribuídos e tilintar de copos de vidro e garrafas com bebidas alcóolicas. Um grupo de cerca de vinte pessoas porta celulares que tocam insistentemente. As pessoas pedem desculpa, e não atendem; o ruído dos toques começa a tomar conta do espaço e gera estranheza. Em dado momento, o artista simplesmente vai ao chão. Como num efeito dominó, os outros *performers* caem aos poucos e no chão ficam segurando seus objetos eletrônicos que, se naquele momento eram de ponta, hoje chamaríamos simplesmente de “tijolões”. A obsolescência vem a galope.

O cinza desses aparelhos se confunde com o cinza do concreto do chão e ao redor desse grupo de pessoas, os outros participantes do *vernissage*, aqueles corpos que poderiam ser lidos como “não performáticos”, se dão conta do óbvio: não há *vernissage* sem performatividade e sem teatralidade. Haveria, porém, vida sem os celulares? Certamente em 2005 a resposta tenderia mais ao sim, mas poderíamos dizer o mesmo do mundo agora em 2025?

Em sua reflexão sobre a produtividade humana, em especial no que diz respeito às peças em bronze selecionadas para esta exposição, também não há espaço para divisão entre humano e industrializado; tudo é uma só coisa. Mãos são esculpidas acopladas a computadores; pernas presas a um telefone e a um controle remoto; uma faca atravessa uma tela. Extensões dos nossos corpos, o uso constante desses objetos não apenas treina o nosso corpo a partir de ações, mas também o molda muscularmente levando até mesmo a lesões por esforço repetitivo. Aquilo que nos conecta e nos liberta é também aquilo que nos cerceia e nos fere; a humanidade vive, como diz o nome de outra série de seus trabalhos aqui presente feitos em madeira, “a ferro e fogo”.

Esse aspecto de colagem que vemos em suas pinturas e bronzes também pode ser observado em outras séries da exposição nas quais o artista desenha sobre papéis impressos. Extraídos de revistas *vintage* de turismo, de cinema, de fotonovelas e até mesmo de publicações ilustradas dedicadas a crianças, o artista pinta com tinta acrílica e confunde o espectador quanto à temporalidade dessas imagens. A harmonia das famílias brancas e heteronormativas de algumas imagens começa a ser atordoada, lentamente, por pessoas tirando *selfies* e falando ao celular. As vitrolas de ontem – também um símbolo de impressionante avanço tecnológico no momento de seu lançamento para os espaços domésticos – são *remixadas* e ganham, como diz o título da série que batiza a exposição, contrapontos e contratempos.

A prática de Marco Paulo Rolla é muitas vezes associada exclusivamente à performance. O que esta e outras de suas exposições recentes demonstram é o seu claro ímpeto experimental; iniciando sua trajetória durante a intensa década de 1980, esta seleção de trabalhos não deixa dúvidas quanto à sua inquietude que permite a realização de imagens em mídias das mais contrastantes como a pintura, a escultura, o vídeo, o desenho e, claro, as ações performáticas. Como o próprio Marco Paulo gosta de dizer, ele se considera um “artista multindisciplinar”.

Voltando ao nosso título, entre erros e enganos, os seus trabalhos parecem nos perguntar: e agora que tudo foi reproduzido, o que nos resta? O que fazer quando todas as mensagens já foram tocadas? Cedemos à inércia ou, novamente desde os nossos corpos, repensamos a nossa relação com o mundo? Por mais que esta exposição trafegue por uma carreira de mais de vinte anos há, inevitavelmente, uma certa melancolia em suas imagens que



nos convidam a nos olharmos no espelho e duvidarmos de nossa suposta sanidade. Longe dos discursos prontos e da obviedade, trata-se de uma pesquisa e de uma carreira que joga todo o tempo com uma ironia que deixa um gosto amargo na boca e que desconstrói, sempre evitando um discurso grandiloquente, muito da normatividade que rodeia a nossa existência.

Abraçar a dúvida, a lentidão e a estranheza do que nos rodeia e daí repensarmos-nos como projeto existencial parece ser uma das saídas sugeridas pelo artista.

RAPHAEL FONSECA

crítico, curador e historiador da arte



CONTRAPONTO E CONTRATEMPO

Neste 2025, em que o Minas Tênis Clube completa 90 anos de existência, é praticamente impossível não refletirmos sobre o passar do tempo e sobre as mudanças trazidas, e muitas vezes impostas, por ele. Celebrações, naturalmente, avanços tecnológicos, o progresso e as facilidades proporcionadas pelos desenvolvimentos nas áreas da pesquisa, ciência e indústria. São avanços que vemos refletidos diariamente no Clube em todos os pilares: Esporte, Cultura, Educação e Lazer.

Para ficar em alguns poucos exemplos, tais avanços são vistos em shows mais potentes, com estruturas robustas e som de altíssima qualidade, em cores métodos de ensino e aprendizagem e, claro, em novas formas de tratar lesões e superar limites. No caso do esporte, é tão visto, também, na forma de fruição do público quanto as atividades realizadas aqui no Clube. Deixamos de ser alvos de fotografias para termos feeds, stories, likes e compartilhamentos – o que não é necessariamente bom, nem ruim. Mas pode causar estranhamento.

A exposição “Contrapontos e contratempos” nos convida justamente a isso: repensar como a experiência humana tem sido modificada e moldada em torno dos avanços tecnológicos e dos dispositivos onipresentes no nosso cotidiano.

Aqui, na Galeria de Arte do Centro Cultural Itaipemb- BH Minas, o público vai poder estabelecer, em conjunto com Marco Paulo Rolla, uma reflexão rica e profunda. São trabalhos que trazem, de maneira técnica em alguns momentos, a visão do artista sobre o impacto – muitas vezes incógnito – que a utopia do mundo atual impõe à existência humana.

Criatividade por seu trabalho multidisciplinar e performativo, Marco Paulo Rolla apresenta, aqui, obras que talvez surpreendam aqueles que acompanham sua trajetória. Afinal, a seleção de obras reflete, sob um novo ângulo, a inquietude do artista quanto às relações entre o corpo humano e os objetos eletrônicos.

Bom visita!

CARLOS HENRIQUE MARTINS TEIXEIRA
Presidente do Minas Tênis Clube

A prática de Marco Paulo Rolla como artista visual muitas vezes é associada exclusivamente à performance. O que esta e outras de suas exposições recentes demonstram é o seu claro impulso experimental. Iniciando sua trajetória durante a intensa década de 1980, a reunião de obras aqui no Minas Tênis Clube não deixa dúvidas quanto à sua inquietude que permeia a realização de imagens em mídias das mais contrastantes como a pintura a esmalte em bronze, o som, o desenho e, claro, as ações performáticas. Como o próprio ponto de partida, ele se considera um “artista multidisciplinar”.

O conjunto de trabalhos aqui reunidos data do começo dos anos 2000 e obras feitas especialmente para a exposição e aponta tematicamente para um tópico recorrente em seus interesses: as relações entre o corpo humano e objetos eletrônicos. Um olhar atento perceberá que muitas das obras aqui selecionadas dizem respeito a uma reflexão sobre a produtividade humana – quais de nossas são subvertidas e quais são esculpidas de forma acoplada a computadores, não há dúvida, e tudo uma coisa só. Outras dessas imagens trazem as luzes azuladas que eram projetadas por nossos televisores domésticos e que nos últimos dez anos cederam espaço aos chamados smartphones – inteligentes mesmo os instrumentos sedutores para o ócio e a manipulação das massas?

Não parece conjunto de obras uma forte relação com o tempo – essas imagens se posicionam, entre o *doce face niente* (o “doce fazer nada”) e a produtividade exacerbada estimulada por tecnologias digitais em que enviam um e-mail de trabalho, receber exames de sangue e seduzir alguém com selfies se intercalam dentro do mesmo minuto. Absorvidos em suas ações, esses corpos aqui representados e ou mesmo performados coletivamente trazem um elemento melancólico que nos convida a nos olharmos no espelho. Quais as relações que nós mesmos estabelecemos com o tempo? Quantos minutos estaremos dentro desta exposição? Seria possível perceber a sem recorre ao uso do celular?

Ao final de nosso trabalho de som da mostra uma gravação típica do futurismo das secretarias eletrônicas diz: “Todas as mensagens foram lidas”. Entre erros e equívocos, os trabalhos de Marco Paulo Rolla parecem nos perguntar: e agora que tudo foi reproduzido, o que nos resta? Cedemos à inércia ou, novamente dando em nossos corpos, reagimos a nossa relação com o mundo?

Abraçar a dúvida, a lentidão e a estagnação do que nos rodeia e, daí, nos repensarmos como projeto existencial parece ser uma das saídas sugeridas pelo artista.

RAPHAEL FONSECA

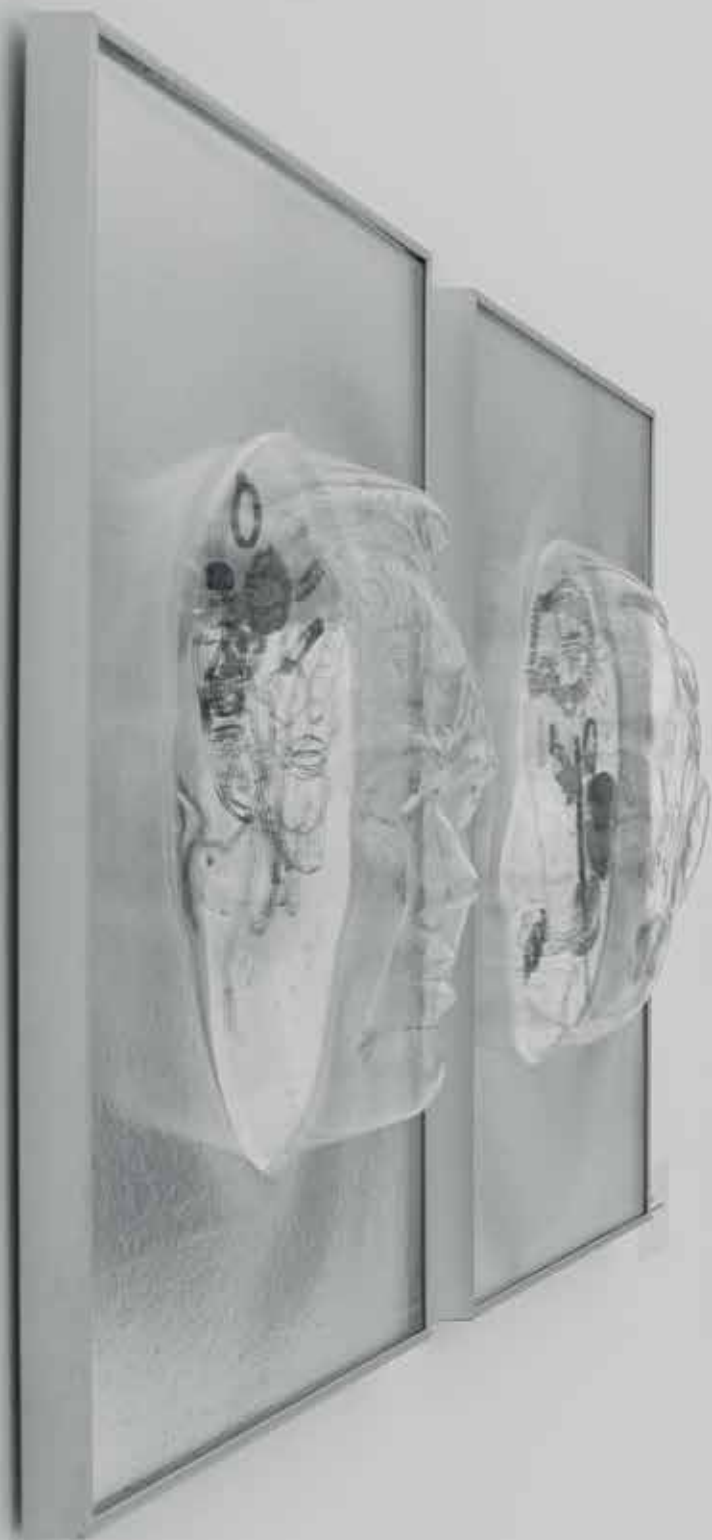
CONTRAPONTO, CONTRATEMPO

Marco Paulo Rolla











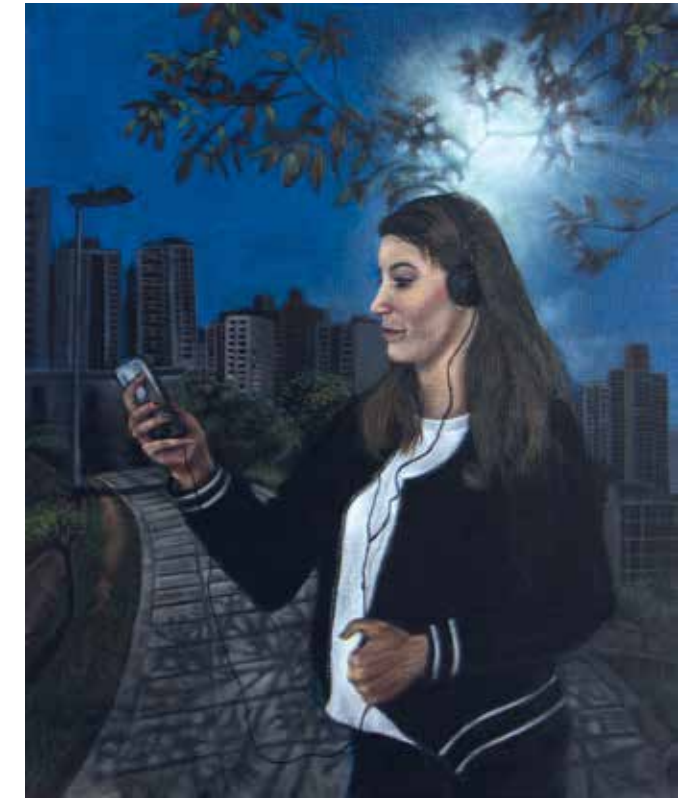




1968, 1969, 1970, 1971, 1972, 1973, 1974, 1975, 1976, 1977, 1978, 1979, 1980, 1981, 1982, 1983, 1984, 1985, 1986, 1987, 1988, 1989, 1990, 1991, 1992, 1993, 1994, 1995, 1996, 1997, 1998, 1999, 2000, 2001, 2002, 2003, 2004, 2005, 2006, 2007, 2008, 2009, 2010, 2011, 2012, 2013, 2014, 2015, 2016, 2017, 2018, 2019, 2020, 2021, 2022, 2023, 2024, 2025













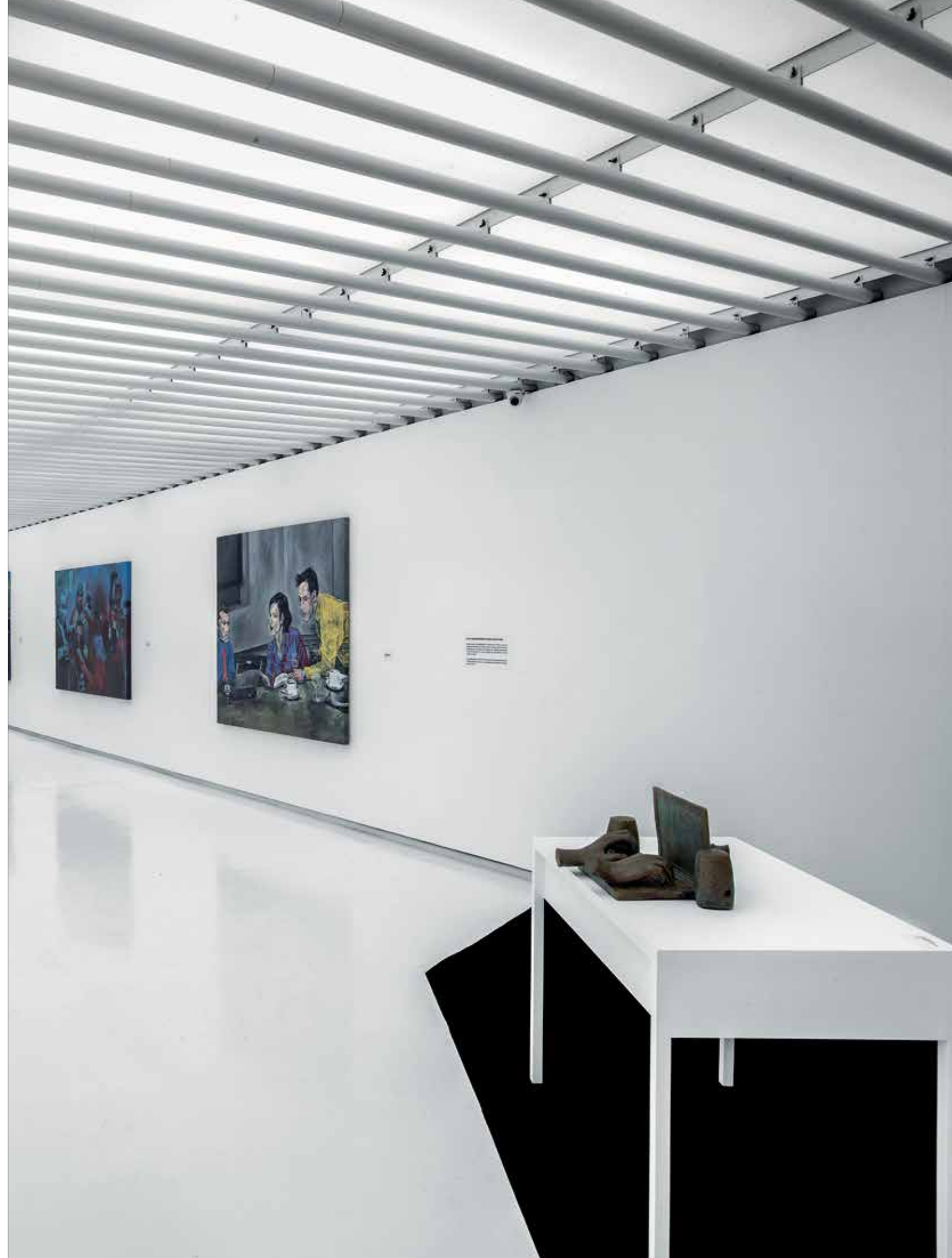






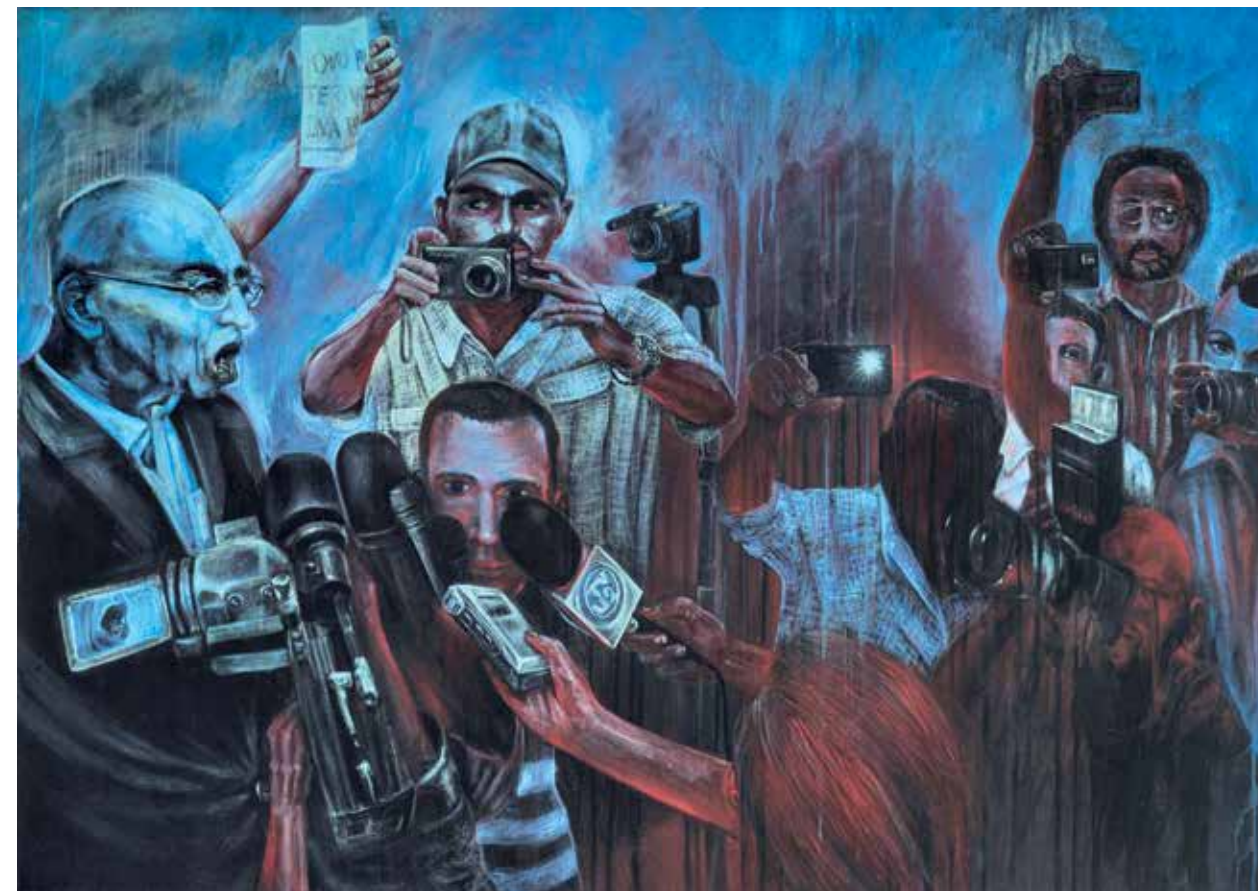




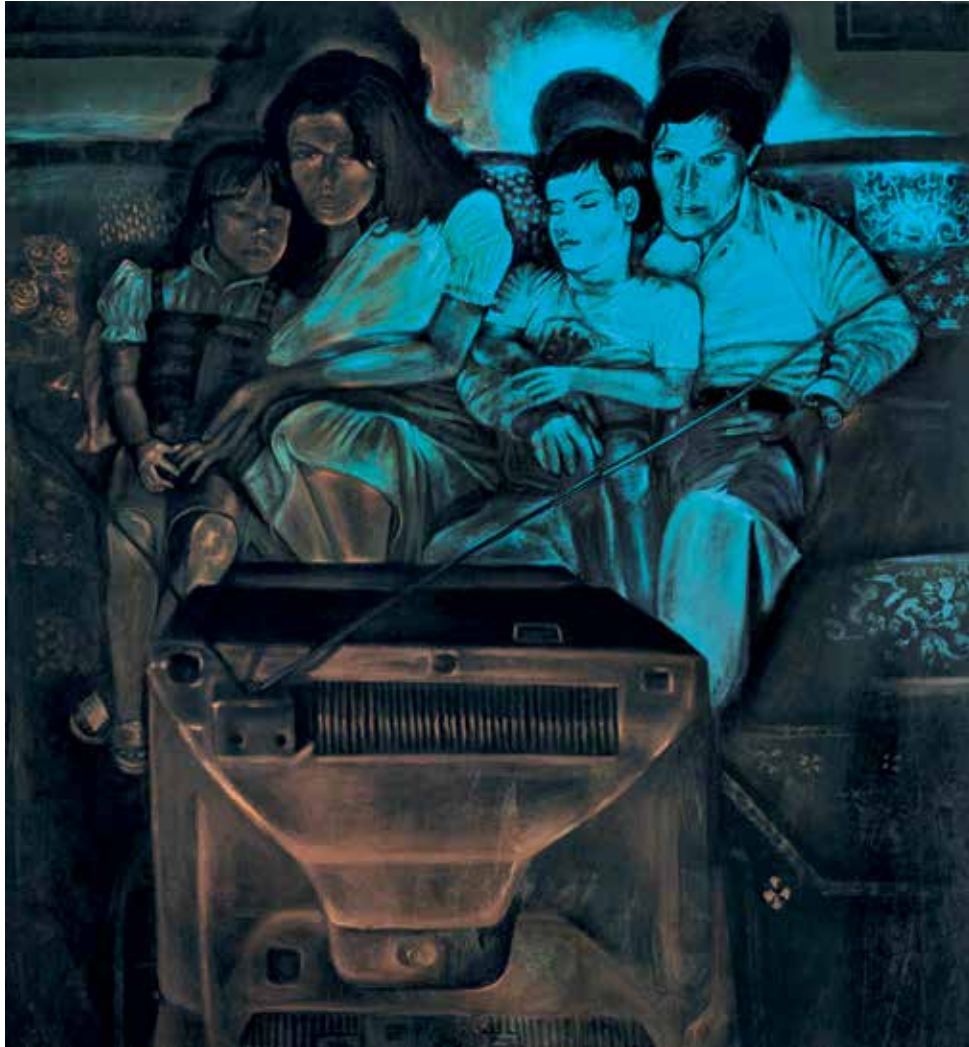














ENGANOS





ENGANOS













ENGANOS

ENGANOS



LISTA DE OBRAS



Situação a priori – é possível!, 2022
série *Contrapontos e contratempos*
acrílica s/ tela, 245 x 195 cm



Enganos, 2006
áudio, gravação de ligações telefônicas com enganos deixados na secretária eletrônica, em *looping*



Situações formais – dança ou desavença?, 2021
série *Contrapontos e contratempos*
acrílica s/ tela, 187 x 195 cm



Tabef, 2019
série *Contrapontos e contratempos*
intervenção s/ material impresso
33 x 32 cm



Situação adversa – sorte ou acaso?, 2022, série *Contrapontos e contratempos*, acrílica s/ tela
187 x 195 cm



Memória afetiva, 2009
vacuum form e serigrafia sobre espelho de acrílico



Estatísticas do caos, 2024
série *Contrapontos e contratempos*
acrílica s/ tela, 145 x 145 cm



Crédito, 2016, série *Esvaziamento do cotidiano* acrílica s/ tela
180 x 203 cm,



Amor capital, amante virtual, 2023
série *Conexão ou desconexão?*
acrílica s/ tela, 69 x 77 cm



Laptop, 2006, série *Objetos de acúmulo*, acrílica s/tela, 50 x 60 cm



O tempo e a outra dimensão do tempo, 2022, série *Conexão ou desconexão?*, acrílica s/ tela 50 x 70 cm



A hora do almoço, 2025, série *Conexão ou desconexão?*, acrílica s/ tela, 50 x 40 cm



Sociedade secreta revelada pela selfie, 2020, série *Contrapontos e contratempos*, acrílica s/ material impresso, 36 x 66 cm



Situação adversa de paz, 2020 série *Contrapontos e contratempos* acrílica s/ material impresso 31 x 46 cm



Revelações, 2020, série *Contrapontos e contratempos* acrílica s/ material impresso, 33 x 38 cm



Laxante, 2024, série *Conexão ou desconexão?*, acrílica s/ tela 50 x 40 cm



Enfim sós, 2025, série *Conexão ou desconexão?*, acrílica s/ tela 50 x 70 cm



Na busca, 2024, série *Conexão ou desconexão?*, acrílica s/ tela 40 x 50 cm



Duelo ambíguo e o pedido de paz, 2020, série *Contrapontos e contratempos*, acrílica s/ material impresso, 36 x 25 cm



Contrapontos e contratempos, 2017 série *Contrapontos e contratempos* acrílica s/ cartilha escolar 26 x 33 cm



Contrapontos e contratempos, 2017 série *Contrapontos e contratempos* acrílica s/ cartilha escolar 26 x 33 cm



Um pouco antes, 2025, série *Conexão ou desconexão?*, acrílica s/ tela 50 x 60 cm



Embarque, 2022, série *Conexão ou desconexão?*, acrílica s/ tela 60 x 50 cm



Do outro lado, 2021, série *Conexão ou desconexão?* acrílica s/ tela 60 x 50 cm



Contrapontos e contratempos, 2017 série *Contrapontos e contratempos* acrílica s/ cartilha escolar, 28 x 19 cm



Contrapontos e contratempos, 2017 série *Contrapontos e contratempos* acrílica s/ cartilha escolar, 26 x 64 cm



Crime virtual, 2021 série *Conexão ou desconexão?* faca s/ macbook, 23 x 32 x 27 cm



Hiato, 2022, série *Conexão ou desconexão?*, bronze, 56 x 41 cm



De mãos atadas, 2022, série *Conexão ou desconexão?*, bronze, 47 x 44 x 22 cm



A teus pés, 2023, série *Conexão ou desconexão?*, bronze, 57 x 59 x 59 cm



Urgência social, 2005
videoperformance, 23'50"



Arroto, 2016, série *A ferro e a fogo*
intervenção s/ madeira, 60 x 54 cm



O ralo, 2016, série *A ferro e a fogo*
intervenção s/ madeira
160 x 180 cm



Monólogo, 2014, série *Esvaziamento do cotidiano*, acrílica s/ tela
134 x 190 cm



Check in, 2015, série *Esvaziamento do cotidiano*, acrílica s/ tela
155 x 135 cm



Problemas de memória, 2007
série *Esvaziamento do cotidiano*
acrílica s/ tela, 155 x 160 cm



Telefonema, 2016, série *A ferro e a fogo*, intervenção s/ madeira
18 x 17 cm



Linha cruzada, 2016, série *A ferro e a fogo*, intervenção s/ madeira
181 x 80 cm



Chave, 2016, série *A ferro e a fogo*
intervenção s/ madeira, 181 x 83 cm



TV, 2014, série *Esvaziamento do cotidiano*, acrílica s/ tela
210 x 200 cm



Um grande prêmio, 2016, série *Esvaziamento do cotidiano*
acrílica s/ tela, 167 x 200 cm



Cansei da Philips, 2009, série *Dysiquilibrio*, acrílica s/ tela
60 x 50 cm



Um parafuso, 2016
série *A ferro e a fogo*, intervenção
s/ madeira, 181 x 180 cm

Centro Cultural
Unimed-BH Minas

2244

Ministério da Cultura e Instituto Unimed-BH apresentam

CONTRAPONTOs e CONTRATEMPOs

Marco Paulo Rolla

EXPOSIÇÃO
11 de abril a 22 de junho
de 2025

De terça a sábado, das 10h às 20h
Domingo e Feriados 11h às 19h

Entrada Gratuita | Classificação Livre

L&L Unimed CDL FIDENS DATA zummit MINAS GERAIS

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Rolla, Marco Paulo
Contrapontos e contratempos : Marco Paulo Rolla / Marco Paulo
Rolla, Raphael Fonseca. -- Belo Horizonte, MG : Minas Tênis Clube, 2025.

ISBN 978-85-69860-13-6

1. Arte contemporânea - Exposições 2. Artistas brasileiros I.
Fonseca, Raphael. II. Título.

25-271315 CDD-700.74

Índices para catálogo sistemático:
1. Arte contemporânea : Exposições : Catálogos
700.74

Eliane de Freitas Leite - Bibliotecária - CRB 8/8415

CENTRO CULTURAL
UNIMED-BH MINAS

Presidente
CARLOS HENRIQUE MARTINS
TEIXEIRA

Diretor de Cultura
ANDRÉ RUBIÃO

Gerente de Cultura
WANDERLEIA MAGALHÃES

Coordenação Administrativa
LORENA OLIVEIRA CORRÊA

Coordenação Técnica
GUILHERME MACHADO

Produção Executiva
SAMIA ARANTES

Assessoria de Imprensa
COMUNICAÇÃO DO MINAS TÊNIS
CLUBE

EXPOSIÇÃO

Coordenação-Geral
MAURO SARAIVA

Produção
TISARA

Produção Executiva
TATIANA BELLI

Projeto Expográfico
ISABELA VECCI

Projeto Gráfico
ADRIANA CATALDO |
CATALDO DESIGN

Fotografia
GABRIEL BORONI
JOMAR BRAGANÇA
LUIS CARLOS OLIVEIRA

Montagem
DANIELE DO NASCIMENTO
MOISES BARBOSA

Audiovisual
EVJ PRODUÇÕES

Programa Educativo
MALACAXETA

Museologia
ANA CAROLINA SILVA
HUDSON DINIZ

Revisão de Texto
ROSALINA GOUVEIA

Cenografia
ARTES CÊNICAS PRODUÇÕES

Comunicação Visual
ARTWORK DIGITAL

Transporte
MUDANÇAS DAMASCENO

Seguro
HOWDEN

Administração
ANDRÉ FERNANDES

Impressão e Acabamento
RONA EDITORA



Lei Rouanet
Incentivo a
Projetos Culturais



cultura



INSTITUTO
UNIMED



Unimed
Belo Horizonte

65
anos



CDL
Belo Horizonte



FIDENS



DATA



zummit



CIRCUITO
BH
LIBERDADE



Fundação
Clóvis
Salgado



A LIBERDADE
em
Minas



CULTURA E
TURISMO



MINAS
GERAIS



GOVERNO
DIFERENTE.
ESTADO
EFICIENTE.



TISARA



Unimed-BH
minas



minas
unimed



MINISTÉRIO DA
CULTURA



GOVERNO FEDERAL
BRASIL
UNIÃO E RECONSTRUÇÃO

83



ISBN: 978-85-69860-13-6



Lei Rouanet
Incentivo a
Projetos Culturais



PATROCÍNIO



APOIO



PRODUÇÃO



REALIZAÇÃO

